

KAFKA,

A ICONICIDADE

J. GUINSBURG

DE UMA

ESCRITURA

J. GUINSBURG é professor de Teoria do Teatro da ECA-USP e autor de, entre outros, *Aventuras de uma Língua Errante* (Perspectiva).

Este trabalho foi apresentado à mesa do debate realizado na *Folha de S. Paulo*, em 6 de outubro de 1997, sob o título de "A Herança de Kafka e a Criação Literária Moderna", com a participação do prof. Gershon Shaked, da Universidade Hebraica de Jerusalém, e do poeta Haroldo de Campos.

Os três grandes ícones da ficção narrativa do século XX são Proust, Joyce e Kafka.

Outros escritores de grande importância, como Thomas Mann, Hermann Hesse, Gide, Malraux, John dos Passos, Faulkner, Bellow, Babel, Borges, entre muitos outros, apesar da enorme qualidade e impacto de suas obras, não alcançaram a mesma proeminência, ao menos em termos simbólicos.

O curioso nos três nomes que mencionamos é que a obra ou a pessoa de cada um deles tenha a ver com o judeu. Joyce não o era, mas a sua personagem Leopold Bloom o era. Proust era meio-judeu, a mãe o era, e uma de suas figuras centrais, ao lado do Barão de Charlus, da Duque-

sa de Guermantes e Mme. Verdurin, era o judeu Charles Swann. E Kafka o era indubitavelmente, sem que em sua obra narrativa, quase paradoxalmente, apareça de modo explícito a figura do judeu como protagonista, embora, repetidamente, em colocações críticas das mais variadas correntes, ela tenha sido aproximada da condição judaica, quando não identificada com esta.

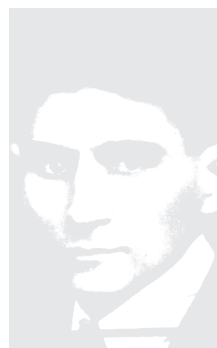
Pode-se até dizer que, não obstante a abrangência humana de suas personagens e das situações em que são apresentadas, sua criação, mais do que nenhuma outra, converteu-se numa espécie de ícone da condição judaica da época moderna, pelo menos na perspectiva em que foi vista até o estabelecimento do Estado de Israel, transferindo ao próprio Kafka toda a potência dessa emblematização e convertendo-o, de certo modo, no ícone personalizado do judeu.

Como se vê, pela obra desses três inovadores do discurso épico, o judeu se tornou uma das personagens nucleares na literatura de nosso tempo, sem que, para tanto, interviesse qualquer escolha eletiva, ao menos em termos confessionais, nacionais ou políticos. Muito pelo contrário, porquanto ele emerge como uma figura essencialmente dramática, se não trágica, encarnando a conturbada e alienante injunção histórica, social e humana que

caracterizou e caracteriza os dias de nossas vidas.

Não pretendo aprofundar essas idéias que me ocorreram, nem por análise, nem por, como se diz hoje, “leitura” ou “reflexão” críticas. Digamos que seja pura *doxa*, digamos que seja puro pervagar por lembranças que conservei de antigas aproximações desses autores, no pior estilo impressionista. Mas já que me encontro entre notáveis cultores e *scholars* das letras contemporâneas e nada teria a acrescentar ao que eles, com sua grande erudição e penetração crítica, nos trazem aqui, reservo-me o único espaço que certamente permanece aberto, o “do acho que”. E como esta mesa está dedicada à herança de Kafka e à criação literária moderna, concedo-me o direito de especular sobre alguns “galhos” de seu *ikhus* (estirpe) poético...

Não se discute que a produção de Kafka deva ser examinada essencialmente dentro dos parâmetros, dos critérios e dos valores estéticos que a exegese moderna considera básicos na apreciação de uma obra de criação literária. Os importantes aspectos contextuais que, sem dúvida, ressoam e mesmo vivificam suas organizações escriturais, como religião, ideologia, história, filosofia, política, arte, ou as relacionadas à sua própria pessoa e biografia, como doença, amores, profissões, família (o fa-



moso pai, pau para toda obra), feito psicológico, educação, círculo de amizades, só têm sentido e valia na proporção que se fazem palavra e texto do livro kafkiano. Por isso mesmo, o mais certo, e nesse ponto estou inteiramente de acordo com os intérpretes que não privilegiam os fatores acima mencionados, no mínimo como decisivos, o mais certo, como dizia, é o *close reading* dos escritos do sr. K. Mas isto vou deixar para os que se devotam a semelhantes labores e que certamente terão mais êxito do que eu, realizando-os.

Atrevo-me apenas a chamar a atenção para a forma como o autor de *O Processo* e *O Castelo* estrutura os seus relatos. É claro que, além da inegável originalidade de sua pena, pode-se encontrar repercussões de Flaubert, Dickens, Goethe, Kleist, Dostoiévski e Kirkegaard, para mencionar os mais conhecidos e citados. Mas eu acrescentaria mais um referencial especificamente judaico. Trata-se de uma estrutura narrativa muito antiga que já aparece, por exemplo, na época de Jesus de Nazaré, no seu *Sermão da Montanha* e, mesmo antes, na tradição dos *midraschim agádicos*. Esta forma peregrinou, com suas variantes, pelo narrar judaico até chegar às parábolas e historietas dos mestres hassídicos. Um dos maiores expoentes desse gênero foi o rabi Nakhman de Bratzlav (1772-1810). É verdade que ele o utilizava para fins pedagógicos e místico-pietistas. Mas nem por isso deixou de levar o material envolvido, na forma de seu discurso, a uma quinta-essência simbólica, estrutural e narrativa. Esta moldagem prestou-se, nas mãos do rabi, a colocações pulsantes da condição existencial, espiritual e ética do homem, ainda que revestido do xale ritual judaico e de seu devocionário.

Como disse, rabi Nakhman não inventou esse modo de narrar. Lapidou-o à perfeição, em sua vertente. Mas, curiosamente, nós o encontramos também na literatura popular cristã, sem dúvida alimentada pela fonte bíblica, comum e, às vezes, em alguns filósofos ocidentais, quando tentam uma síntese, eu diria *agádica*, de seus ensinamentos, como em Kierkegaard, por

exemplo. Ora, em Kafka, o gênero volta a aparecer numa configuração extremamente cristalizada, mesmo porque depurado de toda carga positiva de idéias religiosas com que transitou através de milênios, vindo do conto oriental até a época moderna. Só que o escritor judio-tcheco-alemão, também não sem precedentes, pois os cabalistas já o haviam transfundido para as suas *agadot* místicas, o carrega de elementos que poderíamos dizer, por extensão, serem amalgamados de teologia negativa, na medida em que conduz ao extremo as metáforas sobre o mundo, onde Deus e os valores de sua justiça primam pela ausência, deixando a criatura humana entregue ao tormento do *dépaysement* e ao desespero da alienação.

Se a relação apontada tivesse algum sentido, poder-se-ia dizer que esta remessa judaica é levada, em Kafka, ao seu paroxismo. E ao preencher sua percepção com a angústia e o grito mudo, que vão de Jó à antevisão do Holocausto, ele estampou na prosa ficcional, com suas novelísticas parábolas e *midraschim* arreligiosos, não o retrato do judeu em seu traçado particular, mimético e realista, na época moderna, mas uma representação iconizada de sua condição de exilado, marginalizado e não-pertencente do ponto de vista contextual. Depurando-o do referencial peculiar, abriu seu espaço emblemático e sua economia formal para uma transcendência em que podia caber e coube, de corpo inteiro, em toda a sua amplitude e generalidade, o *dépaysement* do homem deste século e o estranhamento de seu universo de existência. Colhido na máquina do mundo pela engrenagem da técnica, da burocracia, da globalização e da robotização, vê-se encerrado na liberdade mesma que lhe pareceu conquistar sobre o seu destino. Tal é, no mais das vezes, em grafia onírico-grotesca, a transcrição simbolizadora que reveste e consagra iconicamente a escritura kafkiana. E precisamente nesta medida, toda ela calcada no sentimento e na visão de mundo surdidos qualificadamente de suas vivências judaicas, metamorfoseia o próprio Kafka em ícone do judeu, a despeito de tudo.